

## DA ARTE RUPESTRE À DIGITALIZAÇÃO

O ser humano desde há milénios que sente uma necessidade premente em comunicar. Quando Marcelino de Sautuola encontrou, pela primeira vez, as pinturas rupestres na caverna de Altamira em Espanha, mais ou menos há 150 anos atrás, elas foram consideradas como fraude pelos académicos. Com base no novo pensamento *darwiniano* sobre a evolução das espécies, considerou-se que os primitivos humanos não poderiam ter sido suficientemente avançados para criar arte. Quão enganados estávamos!

Este tipo de arte, arte rupestre, teve especial incidência durante a Revolução Neolítica, há cerca de 10000 anos atrás, quando a humanidade começou a sedentarizar-se, com o surgimento das primeiras aldeias e a domesticação de animais. Em geral representa animais, plantas, pessoas, cenas de caça, recriando situações da vida quotidiana à época.

É importante tomar nota que estamos na idade da pedra, e que, portanto, a arte era feita através do reino mineral.

Sempre com a necessidade de comunicar, o homem mais evoluído, encontrou outro meio de o fazer, agora no reino vegetal. No tempo dos faraós, cerca de 3000 AC, usou o papiro, uma planta que crescia nas margens do rio Nilo, para suporte da escrita. Este processo foi também adoptado como papel pelos gregos, romanos e árabes. Não é por acaso que grande parte da literatura grega e latina chegou até nós como papiro em rolo, e assim continuou a ser utilizado até à Idade Média. No entanto, o papiro possuía um contra: tinha alguma fragilidade, já que resistia pouco tempo à humidade e queimava-se facilmente.

À medida que evoluía, também evoluía a forma como comunicava, passando do reino vegetal para o reino animal, onde encontrou, nas peles dos animais um material mais resistente para escrever e assim nasceu o pergaminho.

Até ao Século XV da Era Cristã, apenas os monges escreviam. A produção de livros fazia-se no *scriptorium* onde estes monges copistas passavam horas a fio, a copiar e a ilustrar as obras sagradas e seculares.

Por volta de 1450/1455 o surgimento da imprensa de Guttemberg causou uma revolução. Para o europeu médio, que praticamente não tinha contacto com a escrita, abriu-se um novo mundo e galgou-se um novo degrau no progresso da humanidade. Agora os livros não estavam só ao alcance de uma minoria clerical e de uma elite aristocrática e letrada, mas estavam disponíveis para todos os que soubessem ler.

Contribuíram para esta divulgação, os Descobrimientos, que permitiram a importação da China, a arte de fabricar papel, que possibilitou a substituição do dispendioso pergaminho, por um material mais económico. A imprensa tinha acabado de criar um novo e inesperado ambiente – tinha criado essencialmente, um público. A informação estava agora disponível e poderia ser armazenada, coligida ou recuperada, e isto deu origem a súbitas mudanças na sociedade, nomeadamente, ao Renascimento, à Reforma protestante e à Revolução científica, e daí até ao advento do computador no século XX.

Vivemos tempos deveras interessantes, em que a novidade se espalha a uma velocidade vertiginosa. Se atentarmos na história, verificaremos que todas as vezes que acontecem novos paradigmas, há como que um impulso espiritual precedente que os origina, e que cria as condições necessárias para que eles se desenvolvam, mas é o ser humano que tem

que fazer o trabalho. É caso para dizer como Fernando Pessoa: *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce!* Sem o impulso de Deus o homem não sonha, e sem o sonho do homem, a obra não nasce, se a obra não nasce cristalizamos, e se cristalizamos não evoluímos!

Estamos agora na Era Digital. Já não precisamos de papel, nem de livros, escrevemos em papel virtual, que guardamos em bibliotecas virtuais, as “clouds”. Os livros facilitaram a comunicação, e a divulgação de conhecimento. A indústria do papel permitiu a comunicação pessoal por carta, que ligava pessoas entre continentes, apesar de diferida no tempo. Hoje, temos os e-mails que através do computador ou do telemóvel são entregues no próprio momento. A comunicação sem fios, evoluiu também, porque agora associada ao som temos a imagem. Podemos ver e falar na hora, com quem quisermos.

Caminhamos ao encontro da Era de Aquário e seguramente, as dinâmicas do mundo vão-se também alterar.

Chegará então a altura em que os computadores, os telefones serão objectos obsoletos, pois, num mundo mais etérico (que talvez os grandes e muitos fogos actuais, estejam a proporcionar), leremos directamente na Memória da Natureza e conseguiremos ver os pensamentos das outras pessoas.

Da mesma forma que o desenvolvimento tecnológico está a fazer evoluir o mundo, é fundamental, que nós, individualmente, também nos preparemos para avançar, espiritualizando os nossos veículos, através da força mais poderosa que possuímos, o Pensamento.

Fica, pois, visível o ciclo da evolução através da comunicação: primeiro o ciclo involutivo, que acompanhou o reino mineral, com a escrita na pedra, o reino vegetal, com a escrita no papiro, e o reino animal com o uso do pergaminho. Podemos considerar que a partir da descoberta da imprensa, começou a etapa evolutiva, pois voltamos ao reino vegetal, numa oitava superior, com o fabrico industrial do papel, a partir das árvores, agora estamos numa oitava superior do reino mineral, se considerarmos a sílica no fabrico dos computadores e daqui passaremos ao domínio da espiritualidade, quando nos bastar a mente, para através do pensamento, aceder a todo o conhecimento e comunicar com todo o ser humano.

1 Setembro, 2023

António Ferreira